

## **SIGNIFICADOS DO TRABALHO PARA DEPENDENTES QUÍMICOS EM REABILITAÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO**

### **WORK MEANT FOR CHEMICAL DEPENDENT ON REHABILITATION: A LOOK FROM WORK PSYCHODYNAMIC**

Lauren Heineck de Souza<sup>1</sup>

Marina Capellão Becker<sup>2</sup>

Liciane Diehl<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

O objetivo deste estudo foi analisar os significados do trabalho para dependentes químicos em processo de reabilitação, em um centro terapêutico situado no Vale do Taquari-RS. Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa. Para a coleta de dados foi realizado um grupo focal e para a análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Os resultados foram discutidos a partir da Psicodinâmica do Trabalho proposta por Dejours (1992) e demonstraram a influência negativa das drogas no trabalho, dificultando esta conciliação. Ainda, para os sujeitos do grupo, o trabalho é constituinte de identidade e considerado uma forma de sentirem-se reconhecidos pela sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Significados do Trabalho – Dependência Química -Psicodinâmica do Trabalho.

#### **ABSTRACT**

The aim of the study was to analyze the meanings of work for addicts in rehabilitation process on a therapeutic center located in Vale do Taquari-RS. This is an exploratory study with a qualitative approach. For data collection the Focus Group was used and, for the analysis of these data the Content Analysis of Bardin (2009). Results are discussed based on Psychodynamics of Work proposed by Dejours (1992), which shows the negative influence of drugs at work, making it difficult. More, for the group subjects, work is considered a way to feel important in society and forming identity.

**KEYWORDS:** Meaning of Work – Addicts Dependent – Psychodynamics of Work.

## 1 INTRODUÇÃO

Através do trabalho, o ser humano tem a oportunidade de satisfazer necessidades de sobrevivência, de viver em segurança, promover satisfação pessoal e realização profissional. É por meio do trabalho que o sujeito conquista oportunidades para a manutenção da saúde psíquica e para o processo de constituição de sua identidade (DEJOURS, 2008). Complementa Dejours (2007, p.21) que “[...] o trabalho continua sendo um mediador insubstituível da realização pessoal no campo social”.

Para Lancman e Ghirardi (2002), o trabalho influencia processos como reconhecimento, gratificação e mobilização da inteligência, que além da ligação com a realização do trabalho, também constituem a identidade e subjetividade do sujeito. Dejours (2008b) ressalta que um grande motivador do trabalho é o reconhecimento, que tem um significado que permeia a realização do sujeito, o que possibilita ganhos à sua identidade. O trabalho é entendido, então, como algo além do ato de vender forças de trabalho em troca de remuneração, e influencia de forma direta no pertencimento a grupos e a certos direitos sociais.

Neste sentido, ao discutir o processo social de desfiliação, Castel (1998) argumenta que o trabalho é a matriz da integração social e aponta forte correlação entre esta forma de inserção social e as formas de inserção no trabalho. Além disso, Carreteiro (1999) refere que, no Brasil, a condição de ser trabalhador vincula-se aos direitos sociais a que o sujeito tem acesso. Proteção social e dimensões do trabalho, portanto, estão estreitamente relacionadas - quanto mais o sujeito se insere no trabalho, mais se inscreve nos eixos de proteção social.

Ao discorrer sobre o consumo de substâncias químicas e o ambiente de trabalho, Lima (2010) afirma que a dependência passa a ser um empecilho para a realização das atividades laborais, já que seu uso começa a acarretar problemas no próprio emprego com punições, rebaixamento de função, transferências compulsórias, imposição de tarefas menos interessantes. Segundo Dalgalarondo (2008), a dependência química é um estado mental e físico que resulta da interação entre o sujeito e a substância química. O termo “dependência” pode ser entendido como o uso que deixa de ser funcional e abre espaço para uma relação de dependência, em que a droga deixa de ser um meio ou um recurso a mais para o indivíduo lidar com suas dificuldades, tornando-se um fim em si mesma (LIMA, 2010).

A partir do exposto, com o presente estudo, pretendeu-se investigar significações do trabalho para dependentes químicos em reabilitação. Para tanto, foi realizado um grupo focal em um centro terapêutico para a reabilitação de dependentes químicos, situado no Vale do

Taquari-RS, a cerca de 110 km da capital Porto Alegre, com o objetivo de analisar e articular as falas dos participantes com a Psicodinâmica do Trabalho proposta por Dejours (1992).

## 2 MÉTODO

Trata-se de pesquisa exploratória de abordagem qualitativa realizada em junho de 2014. Para a coleta de dados, foi utilizado o grupo focal que visa, a partir das trocas realizadas no grupo, observar conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações relacionados a determinado tema. Através do contexto de interação que se busca criar, emergem muitos pontos de vista e questões emocionais, que permitem ao pesquisador coletar boa quantidade de informação sobre o tema em foco (MINAYO, 2007).

O grupo focal foi composto por 13 dependentes químicos, que estavam em reabilitação, internados no Centro Terapêutico. Eles foram convidados com antecedência pela Psicóloga do local, com quem também foi agendada a visita das pesquisadoras. O grupo foi realizado no próprio centro terapêutico, partindo da seguinte questão norteadora: “Qual o significado do trabalho nas suas vidas?”. Optou-se em realizar um encontro com o tempo que fosse necessário até obterem-se respostas para o problema de pesquisa. Assim, o encontro teve duração de uma hora e 10 minutos. A identidade dos participantes do estudo foi preservada utilizando-se como referências S1, S2,... S13. A letra “S” denota o termo “sujeito”.

As interações que ocorreram no grupo focal foram gravadas por dois gravadores de voz e foram transcritas as passagens significativas para a análise, que teve sustentação da Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Essa técnica consiste em captar a essência das falas, procurando relatar os significantes e analisar a comunicação (BARDIN, 2009). Além disso, buscou-se articular os significados das falas com a Psicodinâmica do Trabalho proposta por Dejours (1992), que possibilita compreensões sobre a subjetividade no trabalho, abrindo espaços para a expressão verbal dos trabalhadores, tomando o âmbito do trabalho como gerador de prazer, satisfação e reconhecimento, mas, por outro lado, produtor de sofrimento e adoecimento (DEJOURS, 1992).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As falas recorrentes no grupo focal revelaram que, de modo geral, os participantes gostam de trabalhar, que consideram o trabalho uma forma de ocupar a mente, de desviar o pensamento das drogas e, ainda, como uma forma de realização, de satisfação e de sentirem-se importantes. Os conteúdos das falas permitiram a criação das seguintes categorias: "O trabalho como promotor de identidade e de reconhecimento social", "Sentidos terapêuticos do trabalho", "Confrontos entre o mundo do trabalho e o mundo das drogas" e, "Frustrações e expectativas".

#### 3.1 O trabalho como promotor de identidade e de reconhecimento social

Os sujeitos evidenciam o trabalho como uma escolha, como uma forma de realização e reconhecimento, como motivo de orgulho, de sentirem-se importantes e como construtor da identidade e gerador de vida, como demonstrado nas falas:

“Eu gostava e gosto do meu trabalho. Eu sou contador, escolhi ser contador. (S1);  
 “Eu trabalhava como chapeador, tinha minha própria oficina mecânica e sempre gostei do que eu faço” (S4);  
 “Minha profissão é vendedor, eu tenho paixão pela minha profissão, eu sempre gostei, eu sempre busquei dar o meu melhor, trabalhar com o coração. Eu sempre ajudei os outros vendedores, e isso me deixa orgulhoso”(S6).

Assim, percebe-se que o reconhecimento é um mediador na identificação do sujeito com o trabalho, que se faz importante para a constituição da identidade (DEJOURS, 2005). Além disso, o reconhecimento pode produzir sentido ao sofrimento proveniente do trabalho e, conseqüentemente, produzir realização, saúde e emancipação (DEJOURS, 2004).

O orgulho em trabalhar e as possibilidades de reconhecimento e prazer que o trabalho traz podem ser percebidas nas falas de S3: *“Eu acho que todo trabalho deve ser feito com amor, porque ele vai render mais, vai produzir mais. Talvez o trabalho que não precise ser feito com tanta pressa, mas buscando a perfeição, dando o melhor de si”* e *“[...] sempre me destaquei pela minha boa vontade.”* Referindo-se à psicodinâmica do trabalho, Mendes (2008) afirma que o prazer é a possibilidade de ressignificar o sofrimento, e o trabalho passa a ser produtor de prazer, ao passo que permite aprender, criar, inovar e desenvolver novas formas de execução de tarefas, quando são oferecidas condições de socialização com outros sujeitos e quando há reforço da identidade pessoal. Segundo Dridaet al (2001), o trabalho evoca o

prazer ao permitir que o sujeito coloque em prática sua inteligência, seus conhecimentos e habilidades.

Na fala de S6, também é identificado o orgulho em ser reconhecido e poder contribuir com o coletivo a partir de seu trabalho: *“Eu sempre ajudei os outros vendedores, e isso me deixa orgulhoso. Eu tenho orgulho de que pessoas que passaram pelas minhas mãos que hoje são pais de família que construíram uma vida sólida com base naquilo que eu mesmo ensinei.”* Esta passagem revela que o trabalho passa a ser produtor de saúde e prazer, ao passo que proporciona reconhecimento a partir de espaços de fala, cooperação e interação com o coletivo de trabalho (MENDES, 2008) e demonstra a importância da cooperação para o processo de dinâmica do reconhecimento (DEJOURS, 2008a). Neste sentido, Rosas e Moraes (2011, p. 215) também afirmam:

As relações intersubjetivas que se estabelecem no campo do trabalho implicam na busca de um julgamento, que confirme não apenas as atitudes do indivíduo frente ao real, mas, que, além disso, evidencie a importância de sua atividade para a manutenção da organização do trabalho. Portanto, é fundamental que haja uma reformulação constante sobre o ato de julgar.

No grupo, surgiram questões como a importância de se trabalhar para ser independente e ter um lugar na sociedade, e que o homem só é digno e aceito socialmente se for trabalhador. Além disso, percebe-se que o trabalho é importante para a autoestima do dependente, para que ele se sinta valorizado e importante novamente perante a sociedade e a família. Essas questões aparecem nas falas de S1: *“Ninguém quer ser chamado de vadio. Eu não me sentiria bem se fosse sustentado o resto da vida.”* e *“O cara tem que trabalhar, vai depender de quem?”*, de S2: *“O trabalho é o que dignifica o homem.”*; e de S4 *“Acho que é a dignidade do homem.”*. Segundo Dejours (2008), o trabalho é a ponte pela qual o sujeito constitui sua identidade, e isto se evidencia quando trazem como significação para o trabalho palavras como “dignidade” e “satisfação”.

Na sociedade atual, estar desempregado pode remeter à renúncia e privação das possibilidades de realização de si mesmo, de reconhecimento (DRIDA *et al.*, 2001). Além disso, o “não trabalho” é associado à desvalorização social do indivíduo, à queda da dignidade e ao sentimento de inferioridade (VARGAS, 2001), o que é evidenciado nas falas expostas.

### **3.2 Sentidos terapêuticos do trabalho**

Outra questão que emergiu do grupo foi a importância do trabalho para ocupar os pensamentos do dependente químico. Alguns conteúdos de falas anunciaram o quanto o

trabalho é necessário para que o dependente químico desvie sua atenção e seu pensamento das drogas, conforme segue: “*A gente aqui dentro trabalha, e é muito bom porque ajuda a passar o tempo.*” (S1);

“E até um certo ponto enquanto eu tava trabalhando, mexendo nos computadores, ou passando fruta e arrumando bancada, eu tava com a cabeça ocupada e não pensava na droga [...] Quando se ocupa a mente, se desvia a atenção da droga. [...] Quando tu trabalha tu vai ocupando a cabeça, eu acho que trabalhar é muito importante que ele ocupa a mente, tu tá fazendo alguma coisa para não pensar em usar. Nós temos exemplos aqui dentro, quando a gente não tá fazendo um trabalho, uma laborterapia, limpando um banheiro, fazendo alguma coisa, normalmente a gente acaba caindo em um papo de ativo, e um papo de ativo é ‘Ah, que eu pegava tanto, fazia tanto, fazia assim (pra não dar nome às coisas)’, então, o trabalho é importante por causa disso, a gente não pensa em bobagem, aqui dentro e lá fora também.” (S5)

Ditados populares como “*mente vazia, oficina do diabo*” foram destacados enquanto crenças nas falas dos integrantes do grupo, que acreditam que o trabalho possa ser aquilo que preenche a mente para não pensar em consumir a substância química, pois enquanto estavam trabalhando, o desejo de consumir substância praticamente não existia, por estarem com a cabeça ocupada. O desejo, a fissura, segundo eles, aparecem nos momentos de ócio. Aqui também fica explícita a importância do trabalho para a reabilitação, para que haja uma reestruturação do sujeito, inserir-se novamente na realidade cotidiana e conseguir manter-se focado em algum estímulo para que não haja recaídas.

Toda crise psicopatológica é, necessariamente, uma crise de identidade. Portanto, pode-se afirmar que a identidade é o que constitui a base da saúde mental. Logo, o trabalho pode possibilitar a constituição do equilíbrio psíquico e da própria saúde mental. Porém, caso o trabalho não produza reconhecimento, pode tornar-se produtor de sofrimento e, em maior grau, adoecimento físico e/ou psíquico, o que permite concluir que a identidade é aspecto central para a manutenção da saúde psíquica dos trabalhadores (DEJOURS; CARDOSO, 2001).

### **3.3 Confrontos entre o mundo do trabalho e o mundo das drogas**

Foi relatada a dificuldade de conciliar o mundo do trabalho e o mundo das drogas, já que estes dois mundos se influenciam mutuamente. Desta forma, referindo-se à dificuldade do dependente em manter a rotina de trabalho, S1 ressalta: “*Porque antes eu chegava atrasado, saía mais cedo, bem agora com as drogas, né.*”. S2 complementa:

“Difícil é conviver com essas duas realidades: durante o dia trabalhar e a noite usar drogas. É muito cansativo, tanto pro físico, quanto pro psicológico. [...] No ambiente de trabalho as relações também são afetadas. O teu psicológico fica enfraquecido, bem como o das pessoas que convivem contigo. Porque quando tu tá na realidade da droga tu é outra pessoa. Por isso é complicado viver duas realidades tão distintas, de pessoa produtiva que trabalha e de dependente químico. Afeta todas as áreas da vida dessa pessoa que tá no uso, inclusive o psicológico.” (S2)

Fica clara a dificuldade de conciliar os dois mundos - trabalho e drogas -, pois as drogas interferem diretamente na força de trabalho, na produtividade, na qualidade do serviço e nas relações que o sujeito mantém neste ambiente, tornando-se alguém instável tanto para os outros quanto para si próprio. Esta ideia de vivência dissociando mundo do trabalho e mundo das drogas também é relatada por S4:

“[...] mas, conforme o tempo de uso, comecei a relaxar, eu não tinha mais aquela vontade de trabalhar que eu tinha antes. Queria, mas não tinha força sabe. [...] E me falavam, né, ‘bá tu é um baita profissional, um chapeador de mão cheia, te cuida’. É difícil tu largar a droga do dia pra noite, quando tu usa a droga há quase 20 anos, né?”(S4)

Assim, percebe-se o quanto as drogas são capazes de destruir a força de trabalho, as qualidades profissionais e acabar com a carreira do dependente. De acordo com a Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho não pode ser reduzido a uma atividade produtiva no mundo real, por isso, fica evidente a ideia de que o trabalho engaja toda a subjetividade. O real do trabalho se refere não apenas ao real do mundo objetivo, mas também ao real do mundo social (DEJOURS, 2004).

O trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual esta última sai acrescentada, enaltecida, ou, ao contrário, diminuída, mortificada. Trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma. Trabalhar não é somente produzir; é, também, transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar (DEJOURS, 2004, p. 30)

Outro fator que desafia constantemente o dependente químico está relacionado à autonomia financeira, conforme demonstram os relatos: “*Com a entrada financeira de um monte de dinheiro, eu não suportei, eu não estava preparado ainda, e tive uma recaída e não consegui mais me equilibrar*”.(S6); “*É que em certo momento eu comecei a lidar muito com*

*dinheiro, e foi nesse momento que a droga entrou, porque o dinheiro na mão é muito perigoso, eu não soube administrar.”(S4) e :*

“Depois do trabalho, quando eu recebia o dinheiro e passava aquele tempo todo que eu não tinha nada para fazer, eu começava a pensar em bobagem, em usar drogas, e daí eu ia lá e usava droga, então o serviço para mim é bom, mas o salário é ruim, porque tu tá fazendo alguma coisa e tu tá concentrado naquilo, tu tem que fazer aquilo, e depois que tu ganha o dinheiro.” (S5)

Nota-se, nas falas, as dificuldades do dependente em lidar com o retorno financeiro recebido em troca de seu trabalho, pois ter o dinheiro na mão, muitas vezes, leva o dependente a consumir drogas, o que também demonstra interações e dificuldades em conciliar as drogas e o trabalho. De acordo com Soldera *et al.* (2004), entre os principais fatores facilitadores do uso de drogas lícitas e ilícitas está a disponibilidade financeira que a atividade laboral proporciona. Além disso, estudos revelam que os jovens entrevistados consideram que o principal acesso para o uso de substâncias psicoativas é a disponibilidade de recursos financeiros para comprá-las (DUARTE ALARCÓN *et al.*, 2012).

Sobre a influência negativa das drogas no contexto do trabalho, S6 menciona a forma como as drogas arruinaram sua carreira, suas potencialidades e aquilo que dava sentido à sua vida:

“Cheguei a ser gerente de uma grande equipe de vendas, mas infelizmente o crack caiu como uma bomba derrubou tudo o que eu tinha construído tudo que eu construí em 10, 12 anos foi destruído pelo crack. Eu não conseguia mais, é, passar nada, não tinha como eu chegar na frente de um cliente com a cabeça em outro lugar, eu queria simplesmente então vender pra obter o recurso financeiro pra no final do dia ou no final da semana eu poder usufruir da droga, e isso acabou, de certa forma, com a minha carreira.” (S6)

Posteriormente, S6 discorre sobre a decepção consigo mesmo e o quanto as drogas fizeram com que ele perdesse sua identidade e seu orgulho:

“Então fui à ruína. Nessa época, mais ou menos 2009, eu já estava falido e não consegui mais trabalhar, eu já tinha diluído tudo o que eu tinha, eu já tinha me separado da minha esposa, e então me internei. [...]Cheguei a trabalhar na produção de uma empresa por 6 meses, mas depois que tu tem uma profissão que tu gosta, tu não consegue mais, não sei , mas eu não consegui me adaptar a outro. Todo o trabalho é digno, mas quando tu tem uma vocação, e gosta de outra coisa tu não consegue fazer aquilo. Por isso eu tava muito frustrado, eu tava mais ou menos bem, eu não tava usando droga mas, pela frustração,eu tive uma recaída.” (S6)

Nessa passagem, fica claro que o trabalho que não é feito com amor se torna gerador de sofrimento, que, segundo Dejours (2001), é expresso através do corpo e do mal-estar psíquico e, neste caso, este trabalho feito com base no “não amor” levou o sujeito à recaída no *crack*, devido à frustração. Antes tinha um trabalho que lhe orgulhava, que o fazia entender-se como possuidor de certa vocação para tal, e depois de o *crack* entrar em sua vida, estando em uma atividade que não lhe rendia a mesma satisfação, veio a frustração e o próprio sujeito se apresentou de forma vulnerável diante das drogas, recaindo no vício.

Desta forma, o trabalho que era fonte de prazer, torna-se gerador de sofrimento, e passa a ser “[...] deletério e contribui para destruir a subjetividade, juntamente com as bases da saúde mental” (DEJOURS, 2004, p. 33). A insatisfação com o trabalho realizado é um dos principais pontos de conflito neste contexto e, conseqüentemente, fonte de sofrimento psíquico, que pode comprometer a saúde do trabalhador (DEJOURS, 1980, apud WISNER, 1994).

### 3.4 Frustrações e expectativas

As falas recorrentes do grupo focal emitiram conteúdos relacionados às principais frustrações e expectativas em relação à reabilitação e reinserção no mercado de trabalho. S6 menciona o quanto as drogas influenciaram negativamente seu trabalho, abalando-o emocionalmente quando ele notou desprestígio: *“Depois das drogas, todos os vendedores que trabalhavam comigo perderam a confiança, porque eu não tinha mais nada para passar para eles. De um bom exemplo que eu era, eu passei a ser um mau exemplo.”*

Dejours (2008b) afirma que o reconhecimento é um fator motivador do trabalho que influencia a autoestima e a formação da identidade do sujeito. A fala de S6 denota a frustração vivida, explicitando queda da autoestima ao sentir-se incapacitado para ajudar os colegas vendedores. Além disso, percebe-se que há um isolamento do dependente químico devido ao afastamento dos colegas que passam a considerá-lo como um risco para si mesmo ou para a equipe (PIALOUX, 1992; CASTELAIN, 1989; LIMA, 2010).

Retratando sentimentos de frustrações e tentativas de revalorização de si, S3 menciona:

“O único trabalho que deu errado comigo até hoje foi o trabalho comigo mesmo. Eu nunca encontrei o amor para trabalhar comigo. Estou no 4º tratamento, a 1ª vez aqui, e o envolvimento que as pessoas que trabalham e circundam este centro terapêutico, me ajudaram a criar um valor por mim, perceber que eu existia, e que eu valia alguma coisa, então, agora tô criando esse amor por mim.” (S3)

Sobre a importância da reabilitação para o dependente químico e sua luta constante contra a dependência das drogas, S3 ainda ressalta: *“Eu sei que eu sou portador de uma doença incurável, progressiva e fatal, mas a recuperação, ela também é progressiva e ela é vital. Cada dia que eu progredir, mais eu vou viver, basta eu querer, basta eu me dedicar.”*, S4 menciona: *“Não vai ser em pouco tempo que a gente vai tirar isso da gente, né. A luta será diária.”* e S2 explicita:

“Vale a pena reabilitar um dependente químico, porque quando ele passa por um tratamento, trabalha todo o lado emocional dele, espiritual, psicológico. Ele se torna uma pessoa bem melhor. Quando a pessoa retorna do tratamento, com o lado psicológico cuidado, ela consegue ser uma pessoa amorosa, produtiva. Intempéries na vida surgirão, e o dependente químico tem que conviver com a frustração, com a negação, os outros dirão “não” pra mim, ou as coisas não vão acontecer como eu quero, e eu tenho que lidar com isso.” (S2)

As falas remetem à importância de um maior envolvimento em atividades sociais, como o trabalho, que acompanham e ajudam a definir a recuperação, conforme estudo realizado por Pinho, Oliveira e Almeida (2008). As autoras referem que processo de reabilitação consiste em um exercício de cidadania que contempla a rede social e trabalho como valor social.

Paradoxalmente, as atuais configurações e formas organizacionais de trabalho parecem não favorecer a reinserção do dependente químico no mercado de trabalho. Dejours (1999) afirma que se assiste a um processo de precarização do trabalho, em que a competição, hoje, tem como principal característica a destruição do competidor, seja pela lógica da fusão, seja por uma política que leva à eliminação e quebra das concorrentes. Falar da precarização do trabalho, então, implica ter presente esse horizonte para que seja possível entender a realidade subjetiva vivida pelos trabalhadores. Ou seja, de conviver em um mundo onde se perdeu uma série de garantias trabalhistas, direitos adquiridos, conquistas que protegiam não só socialmente, mas psiquicamente, as pessoas.

Apesar de sua própria crítica, Dejours produz conceitos, teorias e metodologias que criam esperanças de que a realidade possa ser diferente, pois “[...] a Psicodinâmica do Trabalho não busca transformar o trabalho, mas modificar as relações subjetivas no trabalho. Modifica não o trabalho, mas o trabalhador” (MOLINIER, 2001, p. 134). Portanto, considerando as expectativas dos sujeitos participantes do estudo, aliadas a um ambiente em que seja promovida escuta de forma coletiva e desenvolvida a partir de um processo de reflexão, a fim de favorecer a mobilização entre os trabalhadores, de forma que estes

alavancuem mudanças no trabalho e em suas relações laborais (HELOANI; LANCMAN, 2004), o cenário poderá ser promissor. Nesse sentido, as expectativas dos participantes são expressas nas falas: “*Eu tenho meu emprego lá, quando eu voltar, meu patrão vai tá me esperando.*”(S7). Discorrendo sobre este conteúdo, S1 relata sua expectativa de voltar para o trabalho e mostrar sua capacidade e S2 refere o quanto o dependente químico se dedica ao trabalho após o tratamento:

“Agora quando eu sair daqui e voltar pro meu trabalho, eu sei que vou ter que render muito mais do que rendia antes. Porque antes chegava atrasado, saía mais cedo, bem agora por último, né. Então a intenção não é ficar aqui como numa colônia de férias, é visar ‘reabilitação’ mesmo, para que possa voltar com todo gás agora na volta.” (S1)

“[...] o dependente químico, depois que sai do tratamento, é uma pessoa bem produtiva é uma pessoa que se entrega, vale a pena admitir um dependente químico porque ele precisa desta oportunidade, desta chance, e ele é uma nova pessoa. A situação de risco continua, mas o usuário se dedica muito quando volta.” (S2)

Nessas falas pode-se perceber a vontade e determinação dos dependentes em explicitar que podem voltar a trabalhar, a serem produtivos e competentes. Sentir-se produtivo novamente pode ajudar no resgate da autoestima e propiciar que o dependente químico reabilitado sinta-se vitorioso e, conseqüentemente, mantenha-se em abstinência. O mencionado resgate da autoestima através do trabalho, demonstra a importância deste enquanto produtor de satisfação, prazer e reconhecimento (DEJOURS, 1992). Além disso, os sujeitos da pesquisa demonstram em suas falas estarem cientes da importância de poder lidar com a frustração e com os obstáculos impostos pelo vício para se reestabelecerem, inclusive profissionalmente.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse estudo possibilitou inferir que falar sobre os significados do trabalho mobilizou diversas questões nos integrantes do grupo, que puderam expor seus sentimentos em relação ao trabalho e reinserção na sociedade. Faz-se necessário considerar, quando se pensa no que o grupo focal promoveu no espaço visitado, que estas pessoas estão reunidas no centro terapêutico em uma condição favorável a repensar suas vidas, suas histórias, sustentando uma discussão de maneira mais aprofundada do que se, talvez, não estivessem neste contexto. Além disso, o trabalho enquanto significação parece não ter sido abordado anteriormente,

conforme colocações da psicóloga do local, e poder falar sobre este assunto, proporcionou explicitar uma série de ansiedades, frustrações, expectativas e os próprios sentidos que o trabalho tem para o dependente químico.

As falas recorrentes dos dependentes químicos em reabilitação evidenciaram núcleos de sentido, tendo o trabalho como motivo de orgulho, de sentir-se importante perante a sociedade, o trabalho como constituinte da subjetividade e identidade, como meio de emancipação. Além disso, se pode perceber o reconhecimento social como fonte de motivação para o trabalho e a importância desta atividade ser feita com amor para que tenha qualidade. A autoestima também parece ser respaldada pelo lugar social ao qual o sujeito consegue inserir-se no momento em que o trabalho volta a ser presente em sua vida e, neste sentido, pode-se perceber o trabalho como via para a (re)conquista do próprio espaço no mundo.

Outro núcleo de sentido foi o sentido terapêutico do trabalho, evidenciado a partir de falas, nas quais foi referida a importância da atividade laboral para ocupar a mente do dependente químico, desviando seu foco das drogas e destacando que a fissura e o desejo pela substância química aparecem nos momentos de ócio. Ou seja, os participantes do estudo explicitam a importância do trabalho para a reabilitação e reestruturação do sujeito.

Foram percebidos os confrontos entre o mundo do trabalho e o mundo das drogas, sendo relatada a dificuldade do dependente químico de manter a rotina e a força de trabalho, devido às interferências negativas das drogas neste contexto. Neste sentido, foram relatados como prejuízos a queda de produtividade, de qualidade do serviço prestado e os problemas de relacionamento decorrentes da dependência química, bem como, o quanto as drogas arruinam a vida e as capacidades do sujeito. Também foi mencionada a dificuldade do dependente em lidar com o dinheiro proveniente de seu trabalho, uma vez que os recursos financeiros geralmente serviam para financiar o consumo de drogas.

Sobre as possibilidades de frustração que transversalizam a vida do dependente químico em reabilitação, foi relatada a importância da persistência, de uma luta diária. Os integrantes do grupo demonstraram estar cientes dos obstáculos impostos pelo vício para a retomada ao trabalho. Também ficou evidenciado o desejo que os sujeitos têm de retornar às suas atividades laborais quando saírem do centro terapêutico, explicitando o quanto pretendem se dedicar e ser competentes neste contexto.

A Psicodinâmica do Trabalho se insere no campo da psicologia do trabalho e, como modelo teórico, contribuiu para compreensão dos significados do trabalho para o dependente químico em reabilitação à medida que, para Dejours (2008b), um grande motivador do

trabalho é o reconhecimento, tendo um sentido que permeia a realização do sujeito, o que possibilita ganhos à sua identidade. Além disso, como método de intervenção, a Psicodinâmica do Trabalho revela-se uma importante aliada para a futura reinserção laboral destes sujeitos, pois as intervenções devem levar os trabalhadores a um processo ativo de reflexão sobre o próprio trabalho, socializando experiências e suas transformações.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, J. I.; SZNELWAR, L. D. Entre a tarefa e a atividade: a dor do trabalhar. *In: A. M. MENDES (org.), Trabalho e Saúde: O Sujeito entre Emancipação e Servidão*. Curitiba, Juruá, 102-114. 2008.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70. 2009.

BASTOS, A. V. B.; PINHO, A. P. M.; COSTA, C. A. Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. *Rev. adm. empres*, **35**(6): 20-29. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n6/a04v35n6.pdf>>. Acesso em: 18/07/2014.

CARRETEIRO, T. C. Doença como projeto – uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. *In: B. B. SAWAIA (org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, Vozes. 1999.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social, uma crônica do salário*. São Paulo, Vozes. 1998.

CASTELAIN, J.-P. *Manières de vivre manières de boire - alcool et sociabilité sur le port*. Paris, Imago. 1989.

DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. Porto Alegre, Artmed. 2008.

DEJOURS, C. Addendum. *In: S. LANCMAN; L. I. SZNELWAR, Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz; Brasília, Paralelo 15. 2008a.

DEJOURS, C. *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo, Cortez. 1992.

DEJOURS, C. *A Banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. 1999.

DEJOURS, C. *Banalização da injustiça social*. 4.ed. Rio de Janeiro, FGV. 2001.

DEJOURS, C. *O fator humano*. Rio de Janeiro, Editora FGV. 2005.

DEJOURS, C. Para uma clínica da mediação entre psicanálise e política: a psicodinâmica do trabalho. *In: S. LANCMAN; L. I. SZNELWAR (org), Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15. 2008b.

DEJOURS, C. Prefácio. *In: A. M. B. MENDES (org.). Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo, Casa do Psicólogo. 2007.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, **14**(3), São Paulo: 27-34. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65132004000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31/07/2014

DEJOURS, C.; CARDOSO, M. R. *Christophe Dejours*. *Ágora*, **4**(2). 2001.

DRIDA, M.; BECKER, F.; BROM, M. ;SCHILLINGER, E. Peur du chômage, harcèlement moral et autres formes de maltraitance psychologique au travail. *In: Actes du 3ème Colloque International de Psychodynamique et Psychopathologie du travail*. Paris, Conservatoire National des Arts et Métiers, 99-107. 2001.

DUARTE ALARCÓN, C.; ARÉVALO, M. T. V.; TORRES, I. C. S.; SOTO, L. F. L.; CARDONA, J. A. T. Motivaciones y recursos para el consumo de sustancias psicoactivas em universitarios. *Haciapromoc. Salud*, **17**(1). 2012.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Revista Produção*, **14**(3), p. 77-86. 2004.

LANCMAN, S.; GHIRARDI, M. I. G. Pensando novas práticas em Terapia Ocupacional, Saúde e Trabalho. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, **13**(2): 44-50. 2002.

LIMA, M. E. A. Dependência química e trabalho: uso funcional e disfuncional de drogas nos contextos laborais. *Rev. bras. Saúde ocup.*, São Paulo, **35**(122). 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572010000200008>>. Acesso em: 30/07/2014.

MENDES, A. M. Prazer, reconhecimento e transformação do sofrimento no trabalho. In: A. M. MENDES (org.). *Trabalho e Saúde: O Sujeito entre Emancipação e Servidão*. Curitiba, Juruá, 12-25. 2008.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, Hucitec. 2007.

MOLINIER, P. Souffrance et théorie de l'action. Travailler. *Revue internationale de Psychopathologie et de Psychodynamique du Travail*, Paris, n.7, 2001.

PIALOUX, M. *Alcool et politique dans l'atelier d'une usine de carrosserie dans la décennie 1980*. Genèses, (7), 94-128. 1992.

Pinho P, Oliveira M, Almeida M. The psychosocial rehabilitation of individuals with alcohol and drug use disorders: a possible strategy? *Rev Psiquiatr Clín*. 2008; 35(1):82-8

ROSAS, M. L. M.; DE MORAES, R. D.. A importância do reconhecimento no contexto de trabalho. *AMAZônica*, v. 6, n. 1, p. 210-224, 2011.

SOLDERA, M.; DALGALARRONDO, P.; CORREA FILHO, H. R.; SILVA, C. A. M. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Rev. Saúde Pública*, **38**(2). 2004.

VARGAS, F. Chômage etsouffrance: une approcheentermes de rapportssociaux. *In: Actesdu 3ème Coloque International de Psycodynamique et Psychopathologiedutravail*. Paris, CNAM, 59-69. 2001.

WISNER, A. Organização do Trabalho, carga mental e sofrimento psíquico. *In: A Inteligência no trabalho*. São Paulo, Fundacentro. 1994.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES, Lajeado – RS. lauren\_heineck@hotmail.com.

<sup>2</sup>Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES, Lajeado – RS. mcbecker@universo.univates.br.

<sup>3</sup>Doutoranda em Psicologia (UNISINOS). Mestre em Psicologia Social (PUCRS). Psicóloga (UNISINOS). Coordenadora do curso de Gestão de RH e docente do Centro Universitário UNIVATES, Lajeado – RS. liciidiehl@gmail.com.

**RECEBIDO EM: Abril de 2016**

**APROVADO EM: Junho de 2016**